

# capítulo 1

— Katia!

— *Katia!*

— Aqui!

— *Aqui!*

Lizzie Summers estava onde normalmente ficava quando saía com a mãe — por perto, escondida em meio à multidão, seguramente fora de foco — e observava a supermodelo mais famosa do mundo deixando os paparazzi loucos.

— Katia!

— Aqui!

Com os ombros para trás, as costas levemente arqueadas e uma das mãos com unhas gloriosamente feitas posicionada no quadril, a mãe de Lizzie virava para a esquerda e para a direita, o sorriso multimilionário tão luminoso que seria capaz de cegar alguém. E hoje estava ainda mais iluminado que o normal, porque a revista *Plenty* decidiu dar a largada da Fashion Week de outono com um almoço em sua homenagem. Mas como na maioria dos eventos da Fashion Week,

havia aproximadamente 15 minutos de flashes frenéticos antes de alguma coisa realmente começar.

— Katia! — gritou alguém.

— Você está *linda*! — berrou outro.

Lizzie olhou pela janela da sala de jantar privada do Mandarin Oriental, para os domos verdes das árvores do Central Park e além, para a elegante e tumultuada linha do horizonte da Quinta Avenida, e suspirou. *Hum, sim*, pensou. *Ela está linda. A meia verdade do século.*

A mãe, Katia Summers, não era apenas bonita. Um estilista (Galliano? Gaultier? Lizzie não conseguia se lembrar) a havia chamado de Katia “a prova viva de Deus”. E se a carreira de vinte anos da mãe como supermodelo era uma indicação disso, todo mundo também achava o mesmo.

Como filha única de Katia, Lizzie tinha passado mais horas da vida olhando para a mãe em carne e osso do que qualquer outra pessoa, e até ela precisava concordar: a mãe era Realmente Linda de Fazer o Queixo Cair, de Fazer Qualquer Um Se Perguntar Se Isso Era Humanamente Possível. De dia ou de noite. Maquiada ou de cara limpa. De cabelo despenteado ou penteado. Não importavam as poucas horas que tinha dormido ou o quão irritada Lizzie estava com ela, Katia Summers *nunca* deixava de fazer alguém perder o fôlego. E se beleza realmente era a soma das partes de uma pessoa, então cada parte de Katia era quase perfeita. Havia os olhos, famosos por mudar de cor, indo de turquesa a verde até um azul índigo exótico, dependendo de seu humor; as maçãs do rosto de ângulos perfeitos que faziam da metade inferior do rosto um V exato; os lábios naturalmente carnudos e o biquinho, sua marca registrada, provocado por uma leve saliência que os pais jamais consertaram. E havia tam-

bém os cabelos loiros cheios, sem aplique, que caíam em ondas no meio das costas, e seu corpo magro, mas voluptuoso. *Sim*, Lizzie pensava, enquanto olhava para a mãe frente a ela à mesa do café da manhã ou no elevador — *perfeita*.

Katia era tão perfeita que aos 37 anos, quando a maioria das modelos já havia aposentado seus saltos, ela ainda estava sendo super-requisitada. Estrelava campanhas publicitárias de pelo menos um designer da lista top a cada estação, fazia páginas duplas nas maiores edições da *Harper's Bazaar*, *W* e nas edições da *Vogue* de todos os países, era o rosto da marca de cosméticos L'Ete e uma vez por ano adornava a capa da *GQ* ou da *Details*, vestida apenas com a parte de baixo de um biquíni de macramé e as mãos colocadas estrategicamente sobre os seios. E agora estava prestes a dar um salto na carreira que apenas algumas poucas e preciosas supermodelos podiam sequer tentar, quanto mais levar a cabo. Passaria de supermodelo a supermagnata. Roupas, perfumes, utensílios de casa — Katia faria o design de tudo. Katia Coquette — uma linha de lingerie “inspirada nas francesas” (leia-se: super-sexy) — era só o começo. E pelo jeito com que a imprensa clamava para tirar fotos e o pessoal do mundo da moda olhava para Katia com aprovação, a Coquette prometia ser um grande sucesso.

Checando o relógio, Lizzie foi até o bar.

Já passava do meio-dia, e ela havia dito às melhores amigas, Carina e Hudson, que as encontraria por volta de 13 horas. As aulas começavam amanhã, o que significava que hoje tomariam um frozen de iogurte na Pinkberry, dariam uma volta pelo West Village e se atualizariam sobre as férias — o ritual de último-dia-de-férias-de-verão. Desde o jardim de infância, Hudson e Carina eram suas melhores

amigas. Lizzie pensava nelas como os filtros de água Brita da sua vida. Se lhe acontecia alguma coisa, boa ou ruim, passava por elas, e depois da conversa, quase sempre se sentia melhor. Lizzie achava que era porque as três tinham um enorme ponto em comum: as três sabiam o que significava ter a vida dividida em duas partes: a pública e a privada. Até fizeram regras próprias para lidar com isso.

Apoiou-se na beira do bar e tirou um pé latejante dos sapatos dourados Christian Louboutin salto dez da mãe. Sabia que os Louboutins supostamente eram os melhores sapatos do mundo, mas apertavam seus pés e esmigalhavam seus dedos. Preferia suas plataformas Steve Madden de 85 dólares, de sola grossa e extremamente confortáveis, mas Katia as tinha vetado para esse tipo de evento.

— Ahhh — disse ela, alongando os dedos dos pés. Perto dela um barman fatiava limões sobre uma tábua de cortar.

— Está com os pés doendo? — perguntou ele. Aparentava uns 20 e poucos anos, e tinha um daqueles chumaços de pelo no queixo.

— Não sei como as pessoas usam isto — disse ela.

O barman concordou com a cabeça, mas seu olhar moveu-se para onde estava Katia, ainda cercada por câmeras.

— Ela é linda — disse ele, quase cortando um dedo fora. — É ainda mais gata pessoalmente.

Lizzie olhou para a mãe, ainda posando para as fotos. Não conseguiu resistir.

— Ela é minha mãe — disse ela.

O queixo do barman ia caindo à medida que se virava para trás.

— Aquela é a sua *mãe*? — perguntou ele, sem acreditar.

Lizzie sorriu. As pessoas jamais acreditavam nela.

— É — disse ela.

— Sério? — perguntou o barman. — É que vocês não se parecem em nada...

Antes que ele pudesse terminar a frase, Lizzie escutou a voz da mãe chamando do outro lado do salão.

— Lizzie! Querida! Venha tirar uma foto!

Ela se virou. A mãe acenava com o braço dourado, perfeitamente torneado, para o que parecia ser a sua direção.

— Venha! — gritou Katia. — Tirar uma foto!

*Aqui vamos nós outra vez*, pensou Lizzie. Sempre que ia a uma cerimônia oficial com a mãe, acabava sendo persuadida a participar de uma sessão de fotos. Katia não podia ter piedade dela pelo menos uma vez?

— Venha, Lizzie! — gesticulou Katia em meio ao ruído dos cliques das câmeras. — Só algumas!

A multidão de editoras de moda pálidas e magricelas levantou o rosto para olhar Lizzie. Não tinha como sair dessa. Colocou o pé de volta no sapato e foi mancando até a mãe, desejando que o pai, Bernard, pudesse ter sido o acompanhante de Katia. Mas de algum jeito ele sempre parecia estar com o prazo apertado para as suas colunas no *New York Times*. Era meio irritante.

Quando chegou perto, Katia envolveu o braço delgado na cintura de Lizzie e puxou-a para mais perto.

— Minha filha! — anunciou ela para a multidão.

Lizzie encarou a coleção de lentes de câmeras pretas e inexpressivas. Por alguns longos segundos, nada aconteceu. Finalmente, houve um leve flash. Depois outro. E então outro.

E então...

— Podemos tirar só mais algumas com você, Katia? — gritou alguém. — Só com você?

— É, Katia, só com você!

— Ei, mãe — sussurrou Lizzie no ouvido da mãe. — Posso ir encontrar minhas amigas agora?

Katia apertou a cintura de Lizzie e retirou o braço.

— Claro — respondeu ela.

— Parabéns — sussurrou Lizzie de volta.

A mãe acariciou-lhe as costas e virou-se novamente para as câmeras. Lizzie estava livre.

Enquanto saía do salão, sentiu os ombros relaxarem e a respiração voltar ao normal. Participar desse tipo de coisa sempre a deixava tensa. Em alguns minutos, estaria no metrô, andando rapidamente em direção às amigas, e poderia se esquecer de tudo isso. Mas a mesma pergunta a atormentava pelo que deveria ser a bilionésima vez, enquanto os saltos estalavam no piso liso de mármore do lobby do hotel e a mortificação pela sessão de fotos lentamente desaparecia: a mãe *realmente* não sabia a aparência que a filha tinha?

Houve uma época na qual os paparazzi queriam tirar fotos de Lizzie, quando ela e a mãe eram a Supermodelo Sexy e sua Adorável Filha. Quando Lizzie era pequena, os fotógrafos seguiam a mãe e ela por todos os lugares: jardim de infância, parque, loja de brinquedos.

Mas então Lizzie ficou mais velha. E transformou-se de Adorável Filha em Adolescente Esquisita. Enquanto Katia permaneceu a Supermodelo Sexy.

Na verdade, usar a palavra esquisita era ser gentil. Ela era Diferente. Incomum. Estranha.

Ou, como Hudson e Carina gostavam de dizer: *formidável*.

— Como Uma Thurman provavelmente era, até ficar linda — sugeria Hudson.

Mas Uma Thurman não tinha olhos castanhos tão grandes que pareciam saltar do rosto. Ou um nariz comprido e sinuoso que fingia ir para a esquerda, mas ia para a direita. Ou sobrancelhas retas, grossas, peludas e unidas como a dos personagens da *Vila Sésamo*, mesmo depois de serem aparadas. E Uma Thurman certamente não tinha cabelos bem ruivos e encaracolados com textura de Bombril que viravam um penacho sempre que a temperatura passava dos 25°C.

Acima de tudo, não *esperavam* que Uma Thurman fosse bonita. Quem esperava que as filhas de professores de budismo virassem atrizes de Hollywood? Mas esperavam que a filha única de Katia Summers, também conhecida como “Prova Viva de Deus”, fosse ao menos bonitinha. E não foi exatamente isso o que aconteceu.

Lizzie gostava de pensar que sua aparência diferente significava poder evitar os paparazzi. Se estivesse com a mãe em algum lugar e fossem cercadas saindo de um café ou de uma Starbucks, com certeza podia se manter afastada e nenhum dos fotógrafos se importaria. Mas não era assim que Katia via as coisas. Sempre que tinha uma chance, queria Lizzie na foto. Lizzie imaginava que ela ou era alheia ao fato de ter uma filha de aparência esquisita ou estava tentando provar alguma coisa. Mas como uma supermodelo pode achar que a aparência não importa? Conforme descia para o calor sufocante da estação de metrô, Lizzie concluiu que talvez a mãe *fosse* simplesmente alheia ao fato. O que era pior.

Passou o cartão do metrô na roleta e desceu os degraus para esperar o trem. Quando as portas se abriram, sentou-se e pegou *O grande Gatsby* da mochila. Queria terminá-lo antes do dia seguinte, mesmo o *Gatsby* sendo a leitura de férias do primeiro ano do ensino médio, não do nono, na

Escola Chadwick. Seu gosto para livros sempre foi um pouco avançado. Tinha aprendido a ler aos três anos, devorou os primeiros dois volumes de *Harry Potter* aos seis e começou a escrever contos aos oito. Desde então escreve, e durante as férias participava do exclusivo Workshop do Escritor em Cape Cod durante seis semanas. Nele, um escritor ficava falando de Fitzgerald, e Lizzie sentiu-se envergonhada por nunca tê-lo lido antes. Agora não queria que o livro chegasse ao fim. Havia parágrafos tão lindos que chegava a lê-los várias vezes. Um dia, esperava ela, seria capaz de ter um quarto do talento de Fitzgerald para escrever. Ou talvez um décimo.

Na rua Bleecker, saiu do metrô e subiu mancando os degraus até a calçada. Os pés doloridos iam de um lado para o outro nos Louboutins, e era tudo o que podia fazer para não cair de cara no chão enquanto passava pelas calçadas de pedras de arenito marrom-avermelhadas com canteiros de flores nas janelas, e fachadas de padarias e cafeterias de vidro laminado. Amava o West Village — sempre a fazia se lembrar da antiga Nova York, quando a cidade era tomada por artistas e escritores, e antes disso, cavalos e carruagens. Agora as ruas estavam cheias de lojas de roupas da moda, restaurantes japoneses, cobertas de alunos da NYU acabando de voltar das férias de verão e carregando sacolas da Bed, Bath & Beyond. Um dia, quando fosse uma escritora famosa, moraria aqui, pensou ela, assim que virou a esquina e viu a fachada azul e verde da Terra Prometida. Também conhecida como Pinkberry.

Abriu a porta de vidro e entrou apressada, em direção à mesa do canto, onde duas garotas, uma loira pequenina e a outra mais alta e de cabelos pretos estavam sentadas esperando por ela.



— Lizzie! — a loira deu um grito estridente quando saltou da cadeira. Carina Jurgensen atirou os braços bronzeados em volta de Lizzie como se não se vissem há anos. — Oh, meu Deus, *oi!* — disse ela, dando saltinhos em seus chinelos, enquanto o rabo de cavalo balançava de um lado para o outro. — Que saudades, Lizzbutt!

— Senti saudades também, C — revelou ela, retribuindo o abraço desesperado de Carina da melhor forma possível. — Você está tão bronzeada.

— E você está tão *alta* — disse Carina com admiração, soltando-a. — Logo, logo eu vou me sentir uma anã perto de você, juro. — Os olhos cor de chocolate estavam arregalados e eletricamente vivos. Às vezes, Lizzie tinha a impressão de que Carina era mais viva que qualquer outra pessoa que ela já havia conhecido.

— Oh, meu Deus, esse vestido é de morrer — elogiou a outra melhor amiga de Lizzie, Hudson Jones, enquanto se levantava e também a abraçava. Cabelos negros ondulados adornavam o rosto em forma de coração, e os olhos verdes cintilavam. — É um Margiela? — perguntou ela com sua voz suave e macia, olhando para o vestido de Lizzie.

— É da minha mãe — disse Lizzie. — E mal cabe em mim.

— Então, vamos tomar um Pinkberry — sugeriu Carina enquanto se sentavam. Ela empurrou pela mesa um pote de sorvete de iogurte de romã com mochi. — Aqui, compramos seu favorito.

Carina Jurgensen tinha morado a vida inteira em Nova York, mas à primeira vista parecia uma surfista da costa norte de Oahu. Pequena, mas atlética, com os cabelos loiros do sol e algumas sardas salpicadas no seu nariz de botão,

Carina na verdade surfava, praticava snowboard, montanhismo e qualquer outra coisa que a permitisse ficar ao ar livre. Era corajosa. Desde pequenas, Carina era a primeira a fazer qualquer coisa assustadora — quer fosse descer uma colina de patins no Central Park lotado num domingo, ou paquerar os garotos em St. Brendan. Como era incapaz de ficar parada por mais de alguns minutos, Carina não gostava de passar muito tempo na frente do espelho; e ela era tão bonita que nem precisava. Sua estação favorita era o verão e seu visual favorito para a ocasião era o que estava usando hoje: shorts, camisetas sem manga e chinelos com estampa camuflada. Os garotos costumavam achar Carina Jurgensen totalmente adorável, embora ela normalmente não notasse.

— Preciso tanto disso — disse ela, apreciando o sorvete de iogurte. — Está fazendo um zilhão de graus lá fora.

— É, mas Hudson ainda está com frio — implicou Carina, balançando a cabeça para a amiga.

— Não, não estou — argumentou Hudson, ajeitando a manta de franja desfiada ao redor do rosto. — Só estou me protegendo do sol.

Se Carina era a surfista loira de sol, Hudson Jones era a sofisticada hippie-chique urbana. Era linda, tinha a pele morena e olhos verdes estonteantes, cortesia da herança afro-caribenha da mãe e dos antecedentes franco-irlandeses do pai, era longilínea e tinha a postura perfeita de uma garota que estudara dança durante toda a vida. Hudson era incrivelmente estilosa. Sob a manta, usava uma túnica de seda coral pontilhada com lantejoulas, sandálias estilo gladiadora com tiras cruzadas que iam até os joelhos, argolas de prata gigantes e uma bolsa de lã multicolorida sem igual,

comprada em Buenos Aires. Em Hudson, tudo conseguia ficar perfeito.

— Como foi o evento da sua mãe? — perguntou Hudson, pegando uma pequena porção de seu iogurte de chá verde com mirtilo. Hudson sempre optava pelo mais saudável.

— Bom, mas ela me enfiou numa sessão de fotos novamente. Quando ela vai entender que ninguém — *ninguém* — quer tirar foto de mim?

— Lizzie, pare com isso — disse Hudson com um tom cauteloso. A aparência de Lizzie era um território bastante explorado entre as três, e ela sabia que suas amigas já estavam cansadas de falar sobre isso.

— Não, vocês sabem que eu não ligo, só queria que ela *enxergasse* isso — comentou Lizzie. — Deixa pra lá, Carina. Como foi em Outward Bound?

— Tão, tão, *tão* incrível — disse Carina, balançando a cabeça enquanto engolia o iogurte. — O Colorado é o lugar mais perfeito da Terra. Mas fiquei sem tomar banho por quase um mês. Vocês precisavam ver. Eu estava coberta de sujeira. Foi impressionante.

— O que o seu pai diria se visse você coberta de sujeira? — perguntou Hudson.

Carina sorriu.

— Que eu desperdicei minhas férias. O que você acha?

O pai de Carina, Karl Jurgensen, era um workaholic. Ele também era um dos homens mais ricos do mundo. Metro-nome Mídia, seu império de revistas de moda e fofoca, de jornais, canais de notícias a cabo e sites de relacionamento atravessava os continentes e empregava milhares de pessoas. Ele estava construindo o que esperava ser o maior site de entretenimento do mundo, com todas as séries de TV, rea-

lity shows e filmes disponíveis em um site fácil de usar. Karl tinha tanto dinheiro que também havia se tornado um dos maiores filantropos do mundo, doando milhões para a luta contra a pobreza e a fome mundial. Com sua personalidade carismática e aparência elegante, Karl era um dos maiores partidos de Nova York, se não do mundo. Tinha se separado da mãe de Carina quando a filha estava na quinta série, e desde então ela morava sozinha com ele em uma cobertura luxuosa como um palácio na rua 57.

Na maior parte do tempo, os dois se davam bem. Mas a impaciência de Karl com sua filha de espírito livre podia provocar uma briga violenta entre os dois, e no fim do ano letivo, Carina e o Jurg, como ela chamava o pai, normalmente não estavam se falando. E era esse o motivo pelo qual ela passava todos os verões o mais longe de Nova York e dele possível, escalando montanhas no Colorado ou aprendendo a mergulhar.

— Como foi a festa do seu pai este ano? — perguntou Hudson.

Carina deu de ombros.

— Legal, eu acho — disse ela. — Ele acredita que arrecadou 2 milhões. — Todos os anos, próximo ao Dia do Trabalho, Karl, ou o Jurg, transformava sua propriedade de Montauk num parque de diversão para arrecadar dinheiro para caridade. Havia montanhas-russas, xícaras giratórias, show de fogos de artifício e até mesmo um passeio de submarino em um de seus lagos. Um ingresso para a “Jurgen-senland” custava mil dólares e uma mesa para o baile ao final do evento custava 10 mil.

— E como foi o fim da turnê? — perguntou Lizzie a Hudson.

— Uma loucura — suspirou Hudson. — Trinta cidades em 45 dias. Não sei como minha mãe consegue. No nono dia eu já estava exausta.

— Algum drama com Holla? — perguntou Carina, indo direto ao assunto.

Hudson revirou os olhos.

— Tinha um cara da *Rolling Stone* na turnê com a gente, fazendo a matéria de sempre sobre “Holla Jones e sua Carreira Irrefreável”, e ele me perguntou quantos anos minha mãe tinha. E eu estava com tanto sono por causa do fuso horário que disse a verdade: 37. E quando chegou aos ouvidos da minha mãe, ela *surtou*. Como se três anos a mais fizessem tanta diferença. — Hudson levantou-se e jogou o pote de sorvete ainda pela metade no lixo. — Moral da história? Nunca fale com a imprensa. Mesmo se estiverem, digamos assim, convivendo com você dia e noite.

A mãe de Hudson, Holla Jones, era uma pop star. Sua voz multi-oitava e hits que tocavam no rádio a tinham transformado numa estrela aos 19 anos, e agora ela era um ícone. Ano após ano, através de uma combinação de turnês, produções de álbuns supermodernas e uma vontade de ferro, chegou ao topo das paradas musicais. Porém, a vontade de ferro ultimamente havia se tornado um problema. Relacionava-se a tudo: sua ginástica diária de três horas com um personal trainer; sua dieta estritamente vegetariana orgânica; e seus relacionamentos que normalmente terminavam antes de começar. O pai de Hudson era um bom exemplo. Foi um dançarino substituto em uma das primeiras turnês de Holla — e então prontamente desapareceu assim que a turnê terminou, amedrontado com a disciplina apavorante da artista.

A ligação de Hudson e Holla era fortíssima, quase fraternal, e Lizzie normalmente a admirava. Mas também a deixava um pouco nervosa. Hudson tinha herdado a voz da mãe, sua aparência e sua presença, e agora estava prestes a gravar o próprio álbum. Mas enquanto Holla era totalmente feita de batidas rápidas, figurinos espalhafatosos e pop vigoroso, Hudson era cheia de sentimento, devagar e relaxante. Infelizmente, Holla não estava tão ciente desta distinção.

— Algum dançarino bonitinho? — perguntou Carina quando saíram para a rua.

— Uh, não — disse Hudson. — Eram todos da outra equipe.

— Que pena — lamentou Carina, indo direto para um estande de joias montado na rua. — Eu estava fedorenta demais para ficar com alguém naquela montanha, embora tivesse um cara realmente gato — disse ela, segurando na frente das orelhas um par de brincos de moedas penduradas. — O que vocês acham? Baratos ou bonitos?

— Baratos — opinou Lizzie.

— E você realmente precisa deles? — perguntou Hudson.

— O que é que tem, custam dez dólares — disse Carina, tirando uma nota do bolso de trás dos shorts e entregando-a ao homem de touca rastafári atrás do estande. Apesar de suas tendências naturalistas, Carina gostava de gastar dinheiro. E seu pai lhe dava bastante.

— E falando em cara gato — murmurou Hudson, encarando alguém na rua. — Olha para ele.

Lizzie virou-se e seguiu o olhar de Hudson. Saindo do lado sul da praça do parque Washington, mãos nos bolsos dos jeans, fios brancos do iPod saindo dos ouvidos, havia um cara muito gato. Um cara *preocupantemente* gato. Era

tão bonito que Lizzie só conseguia olhar para ele com discretos e breves olhares. Olhos azuis enormes. Rosto com traços bem-definidos. Cabelos castanhos lisos que estavam um pouco bagunçados na testa. Lábios carnudos e rosados.

— Uau — balbuciou Carina. — Isso *sim* é um cara de faculdade gato.

Mas Lizzie tinha a impressão de ele ser mais novo que isso. E então percebeu algo familiar no seu jeito de andar. Era um andar de passos longos e suaves, como se estivesse completamente no seu próprio mundo e absolutamente sem pressa.

— Oh, meu Deus — disse Lizzie quando se deu conta. — É o Todd Piedmont.

— O quê? — perguntou Carina, boquiaberta. — O garoto do seu prédio?

— Ele não tinha se mudado para Londres? — perguntou Hudson. — Tipo, três anos atrás?

— Talvez tenha vindo fazer uma visita — respondeu Lizzie.

— É isso que acontece quando as pessoas se mudam para Londres? — imaginou Carina. — Ficam totalmente atraentes?

— Vá dizer oi. — Hudson pegou o braço de Lizzie e deu-lhe uma cutucada.

— Isso — apoiou Carina. — Antes que ele suba num avião e nunca mais volte.

— Peraí, sozinha?

— Vocês dois eram Melhores Amigos pra Sempre — ressaltou Hudson.

— Sim, quando tínhamos *seis* anos.

Enquanto observava o antigo vizinho alcançar o meio-fio, tentou digerir o fato de que esse era o mesmo garoto em

quem ela ficava mandando, com quem brincava e que uma vez fizera chorar. Mas quem quer que fosse, sentia-se feliz por estar usando um vestido bonito e um sapato de salto alto, mesmo que estivesse acabando com seus pés.

Sendo duas crianças da mesma idade morando a três andares de distância, ela e Todd Piedmont brincavam de travessuras e gostosuras juntos, andavam de trenó no Central Park, corriam pela portaria em dia de chuva ou simplesmente ficavam andando de elevador durante horas, apertando os botões para os vizinhos tolerantes. Os pais de Todd, Jack e Julia, eram quase tão glamourosos quanto seus pais. Jack era diretor de um banco de investimentos, fazia triatlo nos fins de semana, e tinha uma forte autoconfiança que deixava as mulheres rindo à toa e os homens mudos. Julia era uma mulher bonita, elegante, de cabelos escuros, trabalhava como colaboradora para *Vogue*. Pareciam ser completamente apaixonados um pelo outro.

Mas Todd às vezes era um pouco temperamental. De vez em quando desaparecia no quarto com um livro durante horas, mesmo quando Lizzie estava na sua casa. Também ficava chateado facilmente, como quando Lizzie derramou seu suco de uva favorito pelo ralo da pia e ele começou a chorar. (Não ajudou o fato de ela ser pelo menos 15 centímetros mais alta que ele.) Na quinta série, Todd foi para uma escola só de meninos, St. Brendan, e começou a ficar mais com os garotos da sua turma. E quando a via, Todd agia de forma estranha. Ele a ignorava na portaria ou mal murmurava um oi se eles se esbarrassem pela rua.

— Todd! — dizia a mãe, na frente de Lizzie e de sua mãe.  
— O que houve com suas boas maneiras? — “Oi” dizia ele com desânimo e ia direto para o elevador.



No ano seguinte, quando Lizzie e Todd tinham quase 12 anos, a família dele decidiu se mudar para Londres. Lizzie ficou aliviada. Não haveria mais momentos desconcertantes no elevador. Nem a esquisitice de Todd.

Mas então Todd fez uma coisa *realmente* estranha.

Foi na festa de despedida dos Piedmont. Todd e Lizzie estavam sozinhos, como sempre, na cozinha, enquanto os adultos misturavam-se na sala de estar. Estavam na cozinha num silêncio constrangedor, comendo cupcakes de chocolate. De repente Todd agarrou-a pelos ombros e puxou-a para ele. Lizzie sentiu os lábios úmidos pressionarem-se contra sua boca por um instante, e quando terminou, o cupcake dela estava no chão, o lado da cobertura para baixo. Então os pais dela entraram para dizer que estavam indo embora, e aquela foi a última vez que ela o viu. Seu presente de despedida tinha sido aquele primeiro beijo rápido e desajeitado.

Agora, olhando Todd vir na sua direção, perguntava-se se aquele beijo realmente tinha sido desajeitado no fim das contas.

— Vamos, você vai perdê-lo! — disse Hudson, dando-lhe um leve empurrão. — Vai!

Lizzie deu um passo hesitante em seus Louboutins. O bom de ser parecida com uma personagem da *Vila Sésamo*, pensou ela, era que normalmente as pessoas se lembravam de você. Ela foi cambaleante até ele, e estava a apenas alguns metros de distância quando Todd tirou os fones do ouvido.

— Lizzie? — perguntou ele, um sorriso brotando no canto dos lábios. — Lizzie Summers?

Ela deu um passo e tropeçou numa fenda da calçada.

— Oh! — gritou ela, e antes que se desse conta, caiu sobre o peito dele.

— Nossa, você está bem? — perguntou ele, segurando-a em seus braços. Com o nariz amassado na camiseta dele, sentiu o cheiro de Downy, sabonete Ivory e suor de garoto. Sentia braços fortes ao seu redor, como se ele tivesse finalmente desenvolvido músculos de verdade. — Pronto — disse ele, ajudando-a a recobrar o equilíbrio. — Você está bem?

— Então, hum, tudo bem? — perguntou ela rapidamente, tentando fingir que não tinha acabado de tropeçar e quase cair de cara no chão.

— Tudo, e você? — indagou ele, um leve sotaque inglês alongando suas palavras. Ele estava mais alto que ela agora, e próximo assim, os olhos dela ficavam na altura dos lábios dele. Eram definitivamente enormes — eles já eram assim antes?

— Hum, o que você está fazendo aqui? — Sua perna direita começou a tremer como sempre acontecia quando estava nervosa. — Achei que estivesse em Londres.

— Voltamos — disse ele. — Há apenas algumas semanas.

— Vocês *voltaram*? — ela praticamente berrou.

— Sim. Meu pai queria. E aí meu irmão entrou para a NYU — disse ele, gesticulando para o parque às suas costas. — Então parecia o momento certo. E na verdade voltamos para o antigo prédio. Vocês se mudaram, né?

Há um ano, Lizzie teve a sensação de que se mudar havia sido uma péssima ideia. Agora sabia por quê.

— Sim, ano passado. Para o lado oeste. Sabe, acho que os moradores se irritaram com a quantidade de fotografos.

Todd sorriu.

— Mas tenho certeza de que vamos no ver. Todos os dias, provavelmente.

— Vamos?

Ele tirou uma mecha de cabelo dos olhos.

— Vou para Chadwick.

Lizzie piscou. Por um instante, pensou que talvez fosse perder o equilíbrio novamente. Todd Piedmont iria para sua escola? Tinha ficado longe por três anos, se tornado absurdamente gato e agora ela o veria todos os dias — durante o dia todo?

— Que ótimo — disse ela casualmente, esperando que seu peito ofegante não a dedurasse.

— Oi, meninas — falou Todd para as amigas dela. Lizzie estava distraída demais para notar que elas tinham se aproximado, e estavam cada uma de um lado.

— Como vai a divertida velha Inglaterra? — perguntou Carina alegremente.

— E há quanto tempo você está aqui? — inquiriu Hudson.

— Todd se mudou de volta — anunciou Lizzie. — E vai para Chadwick. — Ela olhou de lado para ver a reação das amigas. Carina parecia embasbacada e Hudson estava corada.

— Na verdade, tenho que ir — disse ele para Lizzie, indiferente às suas amigas. — Vou encontrar meu irmão no dormitório. Mas quem sabe você não pode ser minha guia turística amanhã? — perguntou ele, sorrindo enquanto passava por ela.

Lizzie concordou com a cabeça em silêncio.

— Com certeza.

— Bem, a gente se vê então. — Ele acenou para Carina e Hudson, colocou os fones de volta nos ouvidos, e seguiu pela rua.

As três o encararam em silêncio.

— Mãe do céu — suspirou Carina quando ele já estava na metade do quarteirão.

— Ele vai para a *nossa* escola? — gaguejou Hudson.

— Aparentemente.

— Vocês dois vão se apaixonar — Hudson deixou escapar.

— O quê?

— Ele pediu para você ser *guia turística* dele — disse Hudson de forma expressiva.

— Porque ele não conhece mais ninguém.

— Mesmo assim. Vi as faíscas. C, você viu as faíscas? — perguntou Hudson.

— Quase peguei fogo — disse Carina.

— É o destino — anunciou Hudson.

— Oh, meu Deus, *parem* — reclamou Lizzie.

— É — argumentou Hudson. — Você não acha, C? Você não acha que é o destino? — Hudson sabia um pouco de astrologia e dessas coisas de destino. *Um pouco*.

— Ok, vamos recordar — disse Carina, virando-se para Lizzie. — Seu primeiro beijo foi com ele, o cara é mais gato que o Christian Bale *e* vai estudar com você — continuou ela, contando os pontos nos dedos esguios. — É. Eu diria que uma força maior pode estar envolvida.

Observando Todd virar a esquina, Lizzie se perguntou se Hudson estava certa. Diferentemente de suas melhores amigas, não lia com ansiedade seu horóscopo diariamente, ou fazia testes e mais testes na internet para saber o nome de sua alma gêmea, mas talvez isso tudo estivesse acontecendo por uma razão. Tudo parecia estranho demais. Bem... predestinado... demais.

— Quando é o aniversário dele? — perguntou Hudson.

— Em novembro.

— Hummm — disse Hudson, balançando a cabeça. — Escorpião. Combina com Touro. Mas um pouco intenso demais. Você deve ser cuidadosa.

— Ei, meninas, não aconteceu nada ainda — lembrou-lhes Lizzie.

— Ah, mas vai acontecer — disse Carina de forma perspicaz, enquanto colocava uns óculos Oakleys prateados. — Com certeza vai. — E então liderou o caminho pela rua.